

# Pedagogium

—••—  
**REVISTA OFFICIAL**

—DA—

**“Associação de Professores”**

sob a direcção do Dr. Nestor  
dos Santos Lima, director da  
Escola Normal : : : : :

**NATAL—JUNHO—1923**

ANNO 2



NUM 8

**NATAL**  
**EMPRESA TYPOGRAPHICA NATALENSE, LTD**  
**1923**

## Uma entrevista do dr. Nester Lima

---

A revista "O Norte", do Rio de Janeiro, em seu numero de Abril ultimo, trouxe a entrevista infra, que um de seus collaboradores tomou ao dr. Nester Lima, quando de passagem, por ali, para a Republica Argentina.

Transcrevendo-a, em nossa edição de hoje, chamamos para ella a attenção dos nossos leitores.

Eil-a :

«O Rio Grande do Norte é um dos Estados da Federação que, embora de minguados recursos orçamentarios, tem direito a figurar no numero dos que mais se estão desenvolvendo. Sob multiplos aspectos, as suas condições de vida e progresso pouco a pouco se vão firmando, de modo a merecer o pequeno Estado nordestino a attenção de quantos se interessem, de facto, pelos destinos moraes do Brasil

No tocante ao ensino, em particular, elle leva a palma a muitos que, por condições economicas reconhecidamente superiores, bem lhe podiam servir de modelo e exemplo, si por parte dos seus dirigentes se encontrasse o mesmo desejo patriotico de servir à collectividade que caracteriza, de ha muito,

Já temos accentuado isso, varias vezes, em nossas columnas, e ainda agora, tivemos oportunidade de ouvir do dr. Nestor Lima, illustre director da Escola Normal da capital daquelle Estado, informações seguras que nos autorizam a arraigar em nosso espirito a convicção de quanto ali se trabalha.

O dr. Nestor Lima esteve nesta capital, de passagem para as Republicas do Rio da Prata, onde vae, commissionedo pelo governador Antonio de Souza, estudar o ensino normal e profissional, cujos melhoramentos aquelle administrador deseja introduzir no ensino publico official do Rio Grande do Norte.

Procurado, antes de proseguir viagem, por um dos nossos redactores para falar sobre as coisas de sua terra, logo nos disse que, alheio aquaesquer outros movimentos sociaes, que não fosse a educação popular, sua maior preocupação, só sabia pronunciar-se a respeito do grandioso problema.

E', pois, com muito prazer, que publicamos, linhas abaixo, o resumo das impressões que colhemos do projecto professor de Pedagogia e Pedologia da Escola Normal Superior do Rio Grande do Norte, o dr. Nestor Lima, onde é, igualmente, causidico dos mais distinguidos.

—Continuamos a trabalhar, disse-nos s. s., com toda dedicação possivel em prò da disseminação e aperfeiçoamento do ensino no Rio Grande do Norte.

O movimento escolar se intensifica dia a dia. O interesse dos profissionaes augmenta progressivamente, dado o amparo e o prestigio que lhe não teem faltado da administração.

de ensino superior em 1921 por lei do Congresso e regulamentada em janeiro ultimo pelo dr. Antonio José de Mello e Souza, governador do Estado.

Quanto aos resultados praticos dessa Escola tenho sobejas razões para esperal-os muito favoraveis, tanto em beneficio do ensino como da collectividade. Dirige-a o dr. Januario Cicco, profissional competente, auxiliado por distinctos elementos do corpo clinico e pharmaceutico da capital.

A installação da Escola de Pharmacia deu-se no dia 16 do corrente e a matricula é animadora. O gabinete de Physica e Historia Natural e o laboratorio de Chimica, tambem inaugurados agora, são completos.

Mas não é esse o aspecto do ensino que mais me interessa. Quero referir-me ao ensino primario e normal do Estado.

O ensino rudimentar, já posto á prova durante dois annos, sob a nova organização que o dr. Antonio de Souza lhe tem imprimido, vae demonstrando o grande papel que é chamado a desempenhar nos meios mais rusticos do Estado. Logo que fôr possível prover essas escolas por pessoal technico devidamente preparado para esse fim que é justamente um dos destinos da Escola Normal Primaria de Mossoró, acredito que o combate á ignorancia terá a maior efficiencia possível.

O ensino normal nos dois estabelecimentos de Natal e Mossoró vae progredindo constantemente. A

Escola Normal que dirijo, que é, como sabe, a de Natal, já diplomou 133 professores, sufficientemente preparados para o ensino e quasi todos estão trabalhando na instrucção publica official.

Em virtude da commissão que me confiou o esclarecido espirito do dr. Souza, vou em busca de suggestões e ensinamentos que possam habilitar o governo a melhorar sempre e cada vez mais a situação do ensino profissional no Estado. Irei até Montividéo e Buenos-Ayres, centros de grande cultura pedagogica, verificar *de visu* quanto se tem feito ali que nos possa convir e adaptar ao nosso apparatus tecnico. De volta, visitarei tambem Bello Horizonte e São Paulo, onde já estive, ha 10 annos, e colhi excellentes proveltos para o aperfeiçoamento de nossa tecnologia pedagogica.

Nosso maior desejo é não perdermos o logar que já conquistamos entre os outros Estados da União, no tocante ao problema educativo, e ainda mais logo que seja possivel, conseguir melhor posição.

O ensino primario, accrescenta o dr. Nestor Lima, que nós chamamos, lá, isolado, e que fornece em estabelecimentos apropriados a instrucção fundamental aos nossos conterraneos de 7 a 15 annos, tem tido um surto admiravel nos ultimos tempos.

Já deve estar inaugurado o novo, elegante e confortavel edificio do grupo escolar "Duque de Caxias", na importante cidade de Macáu. Provido de um corpo docente idoneo e operoso, o estabelecimento de ensino a que me refiro, desempenhará uma funcção valiosissima em bem da infancia macaense.

Igualmente construídos agora, com todos os recursos da hygiene e da pedagogia, os grupos escolares "Coronel Mariz", no longinquo municipio da zona sul-sudoeste do Estado, que é Serra Negra, e "Almino Affonso", na rica e saluberrima séde do Municipio de Martins, acabam de ser inaugurados e dispõem de extraordinaria matricula, completo material pedagogico e um pessoal ensinante competente e capaz.

Até o fim do anno, acredito que o municipio de Lages e a povoação de São João de Sabugy, em Serra Negra, inaugurarão tambem novos estabelecimentos em predios construídos para tal fim, debaixo de todas as prescripções exigidas em edificios de semelhante destino.

Ficam-nos faltando somente grupos escolares em predios apropriados nos municipios de Santo Antonio, Touros, Patù, Flores, Port'Alegre e Flores, onde já funcçionam, entretanto, varias escolas rudimentares, creadas no actual governo.

Manda a justiça que se colloque no primeiro plano desse movimento a Associação de Professores do Rio Grande do Norte, que sob a guia do professor Amphiloquio Camara, presidente daquela Associação e inspector do ensino no Estado, coadjuvado efficazmente pelos seus collegas Luiz Soares, Luiz Antonio dos S. Lima e Francisco Ivo Cavalcanti e auxiliado pecuniariamente pelos professores e conterraneos que desejam o progresso intellectual das gerações futuras, acaba de inaugurar um grande e aperferçoado estabelecimento de ensino, a que deu o nome de "Antonio de Souza", em homenagem ao

governo que tanto bem tem feito em prol da educação de nossos conterrâneos.

É um vasto prédio, com todo conforto, numa área livre dos quatro lados, excelente orientação e disposição de salas, material completo e organização primorosa».



# ESTUDO DE PORTUGUEZ

## SEMANTICA

PROF. C. CÂMARA.

*Semântica, semidítica, sematologia* ou, conforme Meyer Lubke, *semasiologia*, é o tratado das leis que regem a mudança de sentido das palavras, quer em seu elemento *ideológico*, quer em seu elemento *psicológico*.

Como os sons de que se formam, estão as palavras sujeitas a mutações de sentido no tempo e no espaço—modificações impostas pelas próprias leis da linguística.

Para melhor compreensão deste breve estudo, dividamol-o em duas partes: *Semântica* propriamente dita, que se occupa da mudança de significação dos vocábulos, e a *Tropologia*, que tem por finalidade as modificações accidentaes operadas no Léxico, occasionadas pela deficiência da lingua, contribuindo, ao mesmo tempo, para imprimir maior relevo á idéa.

Tem cada palavra uma significação etymológica da qual é fundamento a raiz. Esta, segundo os elementos que se lhe preponham ou posponham, dá ao termo sentido diverso e até opposto ao primitivo, como se pode verificar em *mortal* e *immortal*, *ba-*

plista e onabceptista, ferrar e contra ferrar, lenda e *legenda*, *assucareiro* e *assucarar*, etc.

A transformação de sentido, segundo o douto professor norte-americano Whitney, obedece ás duas seguintes leis: *especialização do geral* e *generalização do particular*, o que produz no Léxico uma especie de fluxo e refluxo.

Pelo primeiro destes processos a palavra insula-se dos seus diversos significados para representar uma idéa unica. E' o caso de

AJUNTAMENTO	que significava outr'ora <i>troca, compra, escambo</i> , hoje é o acto de juntar.
BASILICA	significava qualquer <i>moradia regia</i> , restringiu-se-lhe a significação, passando a designar egreja <i>sumptuosa</i> .
BRITAR	queria dizer <i>quebrar</i> em geral, mas especializou-se passando a significar <i>quebrar pedras</i> .
ESPADIM	perdeu a significação de <i>moeda de ouro, de prata ou cobre</i> , que primitivamente tivera, hodiernamente é <i>diminutivo de espada</i> .
FAMILIA	era o <i>conjunto dos servcs e serviços</i> , porém agora quer dizer <i>os individuos que descendem de paes communs</i> .
QUISAR	queria dizer antigamente <i>guiar, ordenar, dispor, ajudar</i> , e hoje só é usado no sentido de <i>preparar comida</i> .
QUEIXUME	já não é mais indignação, <i>querella judicial, queixa pela desobediencia</i> ou <i>fraco serviço de outrem</i> ; presentemente é <i>lamento, lástima</i> .

gnificação da palavra, adquiriu assim applicações  
diversas. Deste modo—

CABO

querendo dizer *extremo*, com  
o tempo generalizou-se e ho-  
diernamente tem várias signi-  
ficações.

CARRASCO

sobrenome que foi de Bel-  
chior Nunes, è applicado em  
nossos dias a todos os algo-  
zes.

HYPOCRITA

deixou de designar o actor  
que representava com másc-  
cata no theatro grego, para  
applicar-se a todo o indivi-  
duo "que não é o que parece  
nem parece o que è", con-  
forme o dizer de Bernardes  
não quer dizer mais unica-  
mente o túmulo de Mausolo;  
é qualquer túmulo pomposo,  
tendo a significação de *rique-  
za em gado* (pecus), ampli-  
ou-se, passando a indicar *ri-  
queza em geral*.

MAUSOLE'O

PECUNIA

QUARENTENA

não designa mais o espaço  
de quarenta dias de isola-  
mento para espurgo; appli-  
ca-se a qualquer estadia.

Em virtude desses processos semasiológicos, vão  
as linguas assimilando e desassimilando constante-  
mente e insensivelmente novos termos, que figuram  
sob as rubricas de *neologismo* e *arcaismo*.

Os *neologismos* decorrem da necessidade de pa-  
lavras para a expressão de novos conceitos das in-  
dustrias, artes, sciencias e letras, como, por ex. : *ma-  
cadam, linotypo, telephonema, altruismo*, etc. Os *ar-  
caismos* são palavras que caíram em desuso, por  
irem também desaparecendo as idéas que represen-

12

tavam, ou por serem, numa especie de luta pela existencia na lingua estabelecida, substituidas por outras de forma mais agradavel, como por exemplo, *mesclado* por *miscrado*, *usar* por *osar*, *duello* por *duelo*, *coração* por *cor*, etc.

Um phenómeno curioso è, sem dúvida, a restauração que por veses se verifica nos vocábulos. Depois de muito tempo olvidados voltam a ter curso, dando-se, dest'arte, o neologismo por arcaismo.

Objectivação da idéa, pode a palavra ter significação *melliorativa* ou *pejorativa*.

E' *melliorativa* desde que passa a designar idéa mais nobre ; é *pejorativa* si passa a significar uma idéa menos nobre. Assim é que *marechal* designando *guarda dos cavallos*, passou a exprimir *a auctoridade mais alta do exército* ; *pedagogo* deixou de significar *o escravo que, entre os gregos, conduzia a creança para a escola*, para designar simplesmente *mestre de meninos*. Taes palavras adquiriram conceito mais elevado. *Corja*, que tem a significação etymológica de *vinte objectos*, é hoje designativa do grupo de individuos *velhacos* ou *ladrões* ; *tartufo* deixou de recordar a personagem da comedia de Molière, para designar o *hypócrita*, o  *fingido*. Estes termos têm presentemente conceito pejorativo.

Pode ainda a palavra indicar conceito diverso pela mudança de género, número ou posição.

Pela mudança de género :

o tango	a tanga
o olho	a olha
o tormento	a tormenta
o ponto	a ponta
o calçado	a calçada

Pela, mudança de numero :

o café—fructo
os cafes—botequins
o ferro—metal
os ferros—ferramenta
o cobre—metal
os cobres—dinheiro

a letra—signal gráfico

as letras—illustração.

Pela mudança de posição :

homem simples	simples homem
homem grande	grande homem
relogio certo	certo relogio
homem pobre	pobre homem

Ainda podem as palavras ter uma das seguintes significações : *primitiva*, *translativa*, *onomatopáica*, *etymológica*, *técnica* ou *histórica*.

E' *primitiva* desde que continua a designar a mesma coisa, como por ex. : *homem*, *tio*, *flor*, *rua* *noite*, etc.

E' *translativa* quando, por deficiência, necessidade ou similitude, adquire outro conceito, como por ex. : *cavalgar* (um burro), *pé* (de vento), *cão* (de espingarda), *cabeça* (de motim), etc.

E' *onomatopáica* quando exprime conceito simplesmente pelo som ou ruído do objecto como por ex. : *bimbalhar* (do sino), *tilintar* (das moedas), *zumzum* (do besouro), *tic-tac* (do pêndulo), etc.

E' *etymológica* dês que se deixa perceber pelos elementos mórphicos que a fórman, como por ex. : *infeliz*, *prônimo*, *sub* (e) *escrever*, *re ver*, etc.

E' *técnica* quando representa conceito scientifico ou artistico, como, por ex. : *hematossina*, *geognosia*, *diagnose*, *ogival*, *protophonia*, etc.

E' *histórica* dês que recorda o nome do inventor ou da procedencia do objecto, como por ex. : *ampère*, unidade das correntes eléctricas (de André An.père, que descobriu o eléctro-magnetismo) *guilhotina*, instrumento de supplicio, (do dr. Quillotín, seu inventor), *nicotina*, alcaloide que se extrae do tabaco de Nicot, diplomata francez que levou o fumo para a França), *grève*, parede, operinsurreição de uma praça de Paris onde se reuniam os sem trabalho), *marroquín* (de Marrocos, de onde primeiro vieram as pelles tingidas).

*Metáphora* é a translação da palavra, isto é, de

pecies, de metáphoras :

1.<sup>a</sup> Mudança de *animado* por *animado*. Ex.: "Dize a esse *rapozo* (Herodes) que ainda tenho de expulsar demonios".

2.<sup>o</sup> Mudança do *innanimada* pelo *innanimado* Ex.: "Metteu todas as *velas* de sua eloquencia".

3.<sup>a</sup> Mudança do *inanimado* pelo *animado*. Ex.: "Os dois *raios* da guerra, esses ardentes Scipiões *terror* da Lybia".

4.<sup>o</sup> Mudança do *animado* pelo *innanimado*. "Choram-te, Thomé, o *Ganges* e o *Indo*".

*Catachrese* ou abuso é a translação de uma palavra por semelhança, quando se não possui um nome apropriado. Ex.: Dente *chumbado* a oiro; *novo* em *folha*; *cavalgar* um *jumento*.

*Ironia* é o emprego de palavras contrarias áquillo que se quer expressar. Assim, dizendo-se que *alguem é bom* sendo *mau*, que *Fulano é valente*, sendo *covarde*, tem-se a ironia exemplificada.

São modalidades da ironia o *sarcasmo*, o *asteismo* e a *antiphrase*.

*Sarcasmo* é a ironia acompanhada de zombaria a quem se não pode vingár. Ex.: "Olá, tu que destrões o templo de Deus e o reedificas em tres dias, desce da cruz".

*Asteismo* é a ironia delicada que vitupera com apparencia de urbanidade. Ex.: "Meus bons amigos, tanto consideram a nossa amizade, que acabaram traíndo-me".

*Antiphrase* é o emprego de palavras que exprimem boas idéas em lugar de outras que denotam idéas fúneſtas. Assim, ficou-se chamando *Cabo da Boa Esperança* ao que primeiro se denominára *Cabo das Tormentas*.

*Metonymia* ou *transnominação* é a substituição de um nome por outro. Na metonymia usa-se:

1.<sup>a</sup> A *caresa* pelo *effeito*. Ex.: *Morpheu* em vez

Jo O effeito pelo causa. Ex.: Ganhar o pão

2º. O effeito pela causa. Ex.: Ganhar o pão com o suor do rosto.

3º. O signal pela coisa significada Ex.: A Sublime Porta ou a Porta, em vês de o governo da Turquia.

4º. O nome do escriptor. ou inventor pelo seu escripto ou invento. Ex.: Ler Vieira, em vês de ler as obras d'elle. Adquirir uma *marinoni*; em lugar de u'a máquina por elle inventada.

5º. O possuidor pela coisa possuida Ex.: Nep'u-no proceloso, em vês de o mar.

6º. O continente pelo conteúdo. Ex.: Sócrates ingeriu a taça funesta, em vês de o veneno.

7º. O conteúdo pelo continente. Ex.: O Brasil teve assento na Liga das Nações, em vês de os brasileiros.

Entre a metonymia e a a sinédoque devem-se collocar tres outras figuras de bello effeito. São ellas *autonomasia*, *euphemismo* e *metalepse*.

*Autonomasia* consiste em substituir o nome ou expressão por outra que mais particularmente a caracterize. Ex.: A *aguia de Haya*, em lugar de *Ruy Barbosa*.

*Euphemismo* è a suavisação de idéas tristes ou desagradaveis por palavras brandas. Ex.: Fulano *está com Deus*, isto è, *morreu*.

*Metalepse* è o emprego do *antecedente* pelo *consequente* e vice-versa. Ex.: "Porém, já cinco soes eram passados", em vês de *cinco dias*.

*Synédoque*, tambem chamada *compreensão*, è um tropo pelo qual se emprega o nome de um objecto que comprehende outros. Haverá *synédoque* todas as vezes em que empregarmos :—

1º. O todo pela parte : Ex.: A Allemanha bateu-se contra o mundo.

2º. A parte pelo todo. Ex.: Comprei dez cabeças de gado.

3º. O género pela especie. Ex.: A palavra mor

4.º *A especie pelo género.* Ex.: Este homem não acha onde ganhar o pão.

5.º *O plural pelo singular.* Ex.: Nós, em vez de eu. Os Vieiras, os Bilacs.

6.º *O singular pelo plural.* Ex.: Cortar o cubello. O sertanejo é um forte.

7.º *O determinado pelo indeterminado.* Ex.: Nós lhe estamos mil vezes obrigados.

8.º *O indeterminado pelo determinado.* Ex.: O oiro tudo consegue.

9.º *A materia pela fôrma.* Ex.: Soou na igreja o bronze.

10.º *A fôrma pela materia.* Ex.: Empunha o sceptro em toda redondeza.

11.º *O abstracto pelo concreto.* Ex.: A ignorancia não duvida. O amor é cego.

12.º *O concreto pelo abstracto.* A espada de Alexandre dominou o mundo.



# Elementos de Educação Moral

*Liberdade e responsabilidade moraes — Condições e consequencias da responsabilidade.*

Segundo já firmámos em pontos anteriores, possuímos uma faculdade capaz de julgar as nossas acções : e esta outra não é senão a *consciencia moral*.

Não basta no entanto, que o homem reconheça o *bem* e, por esse phenomeno da intelligencia e da sensibilidade, que é a propria *consciencia*, procure distingui-lo do seu contrario—o *mal*

E' preciso, em todo caso, que elle o pratique. E isto poderá fazel-o porque è *livre*, porque tem o poder de escolher entre o que lhe é facultado praticar e aquillo que lhe é prohibido fazer.

Cada ser humano possui, como quer Jarach, o sentimento intimo da sua *liberdade moral* e considera-se senhor absoluto das suas acções.

Nada mais natural, pois ao contrario, sem o livre arbitrio, nossas acções perderiam o seu valor moral.

Se por um lado affirmamos que a *liberdade* é o poder de deliberar, escolher entre o *bem* e o *mal*, fazendo a uillo que convém, de outro lado somos levados a dizer, com Emmanoel Kant, que ella vem a ser o "postulado da obrigação," condição da nossa vida moral, que suppõe podermos mudar de conducta e transformar os nossos sentimentos.

Adversarios ha que tentam negar a existencia da *liberdade moral* por causas transcendentaes que não é possível penetrar na estreiteza destas noções.

Já vaepara alguns seculos que prosegue o debate a este respeito, resaltando objecções muitas vezes fundadas na concepção determinista da vontade.

Os que tentam negar a existencia desse poder moral, apenas diminuido pela nossa educação, nossos habitos, nosso caracter e, sobretudo, pelas nossas paixões, são os mesmos adversarios cuja injustificavel teimosia os leva a negar tambem a *responsabilidade*, idéa correlativa da *liberdade moral*.

Más, que vem a ser *responsabilidade moral*?

Vimos, quando estudámos a *lei moral*, que a sua distincção, entre a *lei physica*, era, justamente, a primeira presuppor um agente livre que poderia, por isto mesmo, obedecel-a ou não.

Ora, todo aquelle que vem a agir contrariamente a essa lei, regra obrigatoria, imperativa, incondicional da nossa conducta em sociedade, deve responder, ou, pelo menos, prestar contas do que praticou.

L'isto que constitue a responsabilidade.

Logo, *responsabilidade moral* è a faculdade de um ser intelligente e livre que, sabendo o que faz, deve agir de conformidade com a lei, mas, tendo de proceder, differentemente a ella, deve dâr contas dos actos que determinaram suas acções.

Outros preferem dizer que ella consiste em reconhecer o *bem* e o *mal* dentro dos limites da propria intelligencia humana.

De facto : o demente, o louco, o alcoolatra, emfim, todo aquelle que se acha impossibilitado da sua capacidade mental, não deve ser apontado como *responsavel* e, nem tão pouco, como *agente moral*.

Dahl affirmar-se que o homem è *responsavel*, isto è, deve responder pelos seus actos, quando os pratica tendo pleno conhecimento da causa ou quando os faz com premeditação.

Neste caso, elle merece um elogio ou uma recompensa, se o acto è bom ; e uma censura ou um castigo, se o acto è máo, podendo assim dizer-se que a *responsabilidade* deriva da idéa do dever, do merito ou do demerito.

\* \* \* A *responsabilidade* exige, previamente, tres requisitos, ou sejam, tres condições essenciaes : 1ª a existencia de uma lei ; 2ª o conhecimento desta lei ; 3ª a liberdade do agente.

Effectivamente, si a lei não existe, si ella não è divulgada ou si a pessoa è levada a realizar qualquer acto contra a sua vontade, è justo que não seja responsavel.

Para justificarmos a primeira condição, admitta-

leia, de todo e qualquer preceito determinado para observancia da nossa conducta ou dos nossos deveres ; que não exista, para a pratica das nossas acções, nenhuma *lei moral* nem mesmo civil. Seremos, então, os dirigentes da nossa vida social e as nossas acções não poderão, por isto mesmo, ser apreciadas nem qualificadas moralmente.

Em geral, serão todas ellas permittidas.

Podemos, seguindo a nossa liberdade, o nosso capricho, o nosso arbitrio, enfim, realizar tudo aquillo que nos agrada ou satisfaça aos nossos prazeres por mais intimos que sejam .

Si assim acontecesse, que resultaria ? Desappareceria, com certeza, a idéa de *responsabilidade*.

Mas, o que a *moral* nos impõe è justamente o contrario : uma regra superior, imperativa, diante da qual se inclina a nossa vontade e encontra limites a nossa liberdade, regra incondicional que regula as nossas condições na vida social e a nossa situação no mundo physico. Essa imposição è realisada, universalmente, pela *lei moral*. Logo, essa *lei* existe invariavel e immutavel, imposta a todos os homens como uma regra infallivel de sua conducta.

\*. Não é absolutamente exacto que a lei exista apenas para nos trazer uma idéa a respeito da *responsabilidade moral*. O que, sobretudo, equivale a certeza dessa faculdade è que a existencia dessa *lei* seja conhecida de todos.

Seremos, por conseguinte, *irresponsaveis* se violarmos essas regras, dictadas pela moral, se as ignorarmos, desde que ellas não nos sejam com-

\*. Mas, além de ser necessário o conhecimento exacto da *lei*, como condição primordial da *responsabilidade*, que depende exclusivamente de nós; de nossa reflexão interior; de reconhecermos a diferença moral das acções; as diversas prescripções da lei natural; mistér se faz ao agente moral submeter-se voluntariamente ou furtar-se ás determinações imperativas da *lei*.

Aliás, desse requisito já tratámos, como um dos elementos que distinguem a *lei moral* da *lei phisica*: — a liberdade do agente.

Assim, a *responsabilidade* presuppõe que o *agente moral* seja livre, isto é, que d'elle dependa a observancia ou não da *lei*, sem intervenção exterior, nem tão pouco a cooperação dos poderes divinos, como entendem varios systemas philosophicos.

\*. Muito embora a Moral nos obrigue sem, no entanto, nos constrangir, para que os seus preceitos tenham um character imperativo; para que sejam as suas regras obedecidas e respeitadas entre os homens; para que seja garantida, de modo absoluto, a acção da *lei moral* é justo que, como a lei civil, ella assegure sua execução ou puna os que a trasgridem.

Dest'arte as *sancções moraes* são recompensas e punições que acompanham as acções humanas para assegurar o respeito á execução da lei.

Os moralistas de todos os tempos têm distinguido diversas especies de *sancções*. Assim, classificam em primeiro logar a *sancção legal*, isto é, o conjunto de recompensas ou punições pelas quaes a socie-

pathia, a estima dos nossos semelhantes pelos actos

Mas, ao lado dessas *sancções*, outras existem ainda como as da *consciencia* e as *naturaes*.

ainda como as da *consciencia* e as *naturaes*.

Qual dellas a preferida? Não são todas, na verdade, *manifestações do acto moral*?

A primeira, julgamol-a insufficiente. As leis civis punem mais que recompensam, pois a sua finalidade é, ao que parece, antes, assegurar melhor a sua efficacia, do que satisfazer os interesses de ordem social, recompensando o merito e reprovando o demerito.

Além disto, é uma *sancção* racional, que, de accôrdo com o progresso ou os costumes de cada civilisação, tem de modificar-se, julgando mais os actos exteriores do culpado que as suas proprias intensões.

E quantas vezes não erra a justiça humana! Quantas vezes não são insufficientes as acções das leis positivas, condemnando o innocente e absolvendo o culpado!

Não menos infalivel é a *sancção da opinião publica*, quasi sempre apaixonada no julgamento das acções humanas. Ora è o aspecto exterior do individuo, ora as boas maneiras, a elegancia no trajar, a polidez da linguagem actuando profundamente no espirito publico que deste modo termina por consideral-o, além de honesto, dono de outras preciosas

dos cavalheiros de [ ] e [ ] :

Não parecem de todo verdadeiras, de modo a serem as unicas preferidas, as *sancções da consciencia*, perante cuja faculdade todas as nossas acções são julgadas, approvadas ou condemnadas, por isto mesmo que è evidente ser a força e a auctoridade da *sancção* intima da *consciencia* insufficientes para a perfeita distincção, entre a virtude e a felicidade.

E a prova temol-a no criminoso habitual, mais refractario aos protestos da *consciencia* que a creança na reincidencia de faltas sensiveis de serem corrigidas.

A *natural* è a mais completa de todas as *sancções*, pois que, sem interferencia de nenhum poder estranho, deriva, espontaneamente, das nossas boas ou más acções.

Os que violam as *leis* da moral são as primeiras victimas de seu acto lamentavel.

A verdadeira recompensa do dever è a *satisfação* intima que esse mesmo dever nos faculta e quaesquer que sejam as normas inexhoraveis da propria natureza, ha, em todas as coisas, u'a noção exacta da justiça natural que associa á todo erro uma punição e uma recompensa á todo acto virtuoso.

O. W.

# ARVORES EM FESTA

## DIALOGO

### 1.<sup>a</sup> Menina

*Para commemorar das Arvores a festa.  
Vimos, hoje, brincar : minha proposta é esta :  
Cada uma de nós escolhendo á vontade,  
De uma arvore tomar o nome que lhe agrade..  
— Eu sou o Pau Brasil, a cuja cor devemos  
O nome do paiz amado em que nascemos.*

### 2.<sup>a</sup> Menina

*— Quero ser Cajueiro, para dar  
A sombra dos meus galhos  
Carregados de fructas, agasalhos  
A quem debaixo delles se abrigar.*

### 3.<sup>a</sup> Menina

*— Estão duas escolhidas :  
Eu serei a terceira,  
Quero ser Mungubeira  
O attorno das nossas avenidas.*

### 4.<sup>a</sup> Menina

*— Eu sou a Carn uba, a palmcira gentil*

*E que de nossa flora abundante  
E' a mais proveitosa.*

5.<sup>a</sup> Menina

—*Serei a Larangeira  
Espessa e altaneira,  
Estrellada de flores perfumosas  
E fructas saborosas.*

6.<sup>a</sup> Menina

—*Eu quero ser Mangueira, alta, frondosa,  
De certo a mais formosa  
Ostentando, elegante.  
Uma rica folhagem verdejante.*

7.<sup>a</sup> Menina

—*Goiabeira quero ser  
Sou comilona provada  
Por isso quero viver  
Ingerindo goiabada.*

8.<sup>a</sup> Menina

—*Coqueiro eu sou, está certo,  
Isolado nos caminhos  
Parecendo um leque aberto  
Abanando os passarinhos.*

9.<sup>a</sup> Menina

—*Minha sorte é lisongeira  
Minha escolha foi feliz  
Quero ser a Pitangueira  
Que dá fructas vermelhas e gracios.*

10.<sup>a</sup> Menina

— *Eu serei o passarinho,  
Depois de voar nos espaços  
Vou das arvores nos braços  
Construir um formoso ninho.*  
TODAS  
*Passarinho ? Que tolice !*

1.<sup>a</sup> Menina

— *Ouve, as arvores, somente,  
Queremos alegremente  
Neste dia festejar  
Chegando a festa das Aves  
Que mil górgelos suaves  
Desferem beijando as flores  
Na expansão dos meus amores,  
Dos passaros tomaremos  
O nome e assim brincaremos.*

10.<sup>a</sup> Menina

— *Pois bem, serei Oiticica  
Que desde o inverno ao verão,  
É semente, no sertão,  
A que sempre verde fica !*

2.<sup>a</sup> Menina

— *E como em harmonia terminamos  
Cantar alegres, vamos.*

(Cantam, formando círculo)

*Cantemos ! Reine a alegria,  
Deixemos nossa última festa.*

*Que ditos, neste dia*  
Festeja a infancia a floresta.

(Do Rimario Infantil)

CAROLINA WANDERLEI



# A moça americana e as universidades

## A EDUCAÇÃO E O PROBLEMA DA RAÇA

A educação em commum das moças e dos rapazes ainda é uma these academica em alguns Estados da America do Norte; porém a corrente geral das ideas e o prestigio da maioria dos educadores favorecem a coeducação como uma arma do seculo indispensavel á preparação da mocidade para os combates duros da vida. A multiplicação sempre crescente do elemento feminino nos centros educacionais do paiz, traduz uma tendencia muito pronunciada nos annaes da vida universitaria norte-americana, qual seja a volta á cultura classica deformada actualmente pelo utilitarismo contemporaneo cujo tidimo expoente os Estados Unidos parecem ser. Os collegios e os institutos de educação superior possuem, hoje, nada menos de 90.000 mulheres, todas ellas anciosas por destronarem o orgulho masculino nessa superioridade um tanto ficticia que se arroga nas luctas da intelligencia.

No Este, como no Oeste do paiz, a moça que passa pelos bancos escolares, dos dezoito aos vinte e dois annos, è sujeita á mesma disciplina severa que o rapaz, sendo os mesmos os modelos educativos que servem á preparação dos dois sexos.

Ulll ONIANT ...  
nível de critica. Entretanto, os factos resultantes da coeducação em um certo numero de annos tendem a demonstrar que o mulher americana possui uma cultura geral muito mais solida que o homem. Na grande maioria dos casos, a moça que se educa encara os estudos como a concretização da verdadeira cultura e não como o canal mais accessivel á competição no esforço vital que caracteriza os moços.

Não se pode negar que, na hora presente, a mulher americana possui um grau muito mais accentuado de emancipação da tutela masculina do que a mulher europêa. Todas as transformações sociaes e educativas que, na Europa, reclamam periodos longos, a fim de serem processados, operam-se na America com a instantaneidade de um re'ampago. Esta emancipação é o fructo directo da educação primaria. Na vida universitaria medem-se as capacidades; a arvore gigantesca do individualismo americano começa a lançar suas raizes num solo fixo. Escasseia o auxilio. As condições de vida material da mulher e o industrialismo cada vez mais hypertrofiado do paiz coagem-na a confiar na sua energia pessoal como um utensilio e uma arma de combate. Dahi a circumstancia da mulher nos Estados Unidos penetrar em todas as profissões, inaugurando um regimen de competição franca e aberta ao proprio homem, verdadeiro prelio de intelligencia e de habilidade em que muitas vezes o homem é derrotado.

Ha muito seu nivel de educação social habilitou-a a todos os direitos politicos que o espirito democratico disseminou a mãos generosas. Sua influencia eleitoral ha sido um elemento de valor incontestavel nas questões internas da republica. Os problemas da infancia, da protecção social, da hygienização dos lares, da moralização das profissões, os affazeres municipaes vêm recebendo um influxo benefico desde que a mulher americana emprestou o auxilio do seu esforço á obra benemerita do melhoramento de sua

Não ha negar que todos os movimentos que têm à sua frente um cerebro femenino, originaram-se nos bancos universitarios. E a convicção cada vez mais crescente de que a mulher deve se interessar ainda mais no bemestar do paiz influe sobre a multiplicação das moças nos centros educacionaes. Os Estados do Oeste não oppuzeram entraves ao systema educativo praticado em suas universidades. E' certo que contra elle levantou-se a tradição puritana do Este ; porém a opinião publica favorece a mistura dos sexos em vista dos resultados obtidos, que são muito animadores. Augmentou como por encanto a moralidade dos estudantes e as provas finaes têm exhibido um indice de aproveitamento até então inatingida, de par com a melhoria sensivel nas condições phisicas da mocidade.

O que a mentalidade latina realizaria em caso semelhante, separando os sexos, a intelligencia anglo-saxonica faz approximando-os á crista da força convincente de uma educação aprimorada, elevando os modelos ethicos da juventude e inaugurando um periodo de transformações radicaes na vida em commum de rapazes o moças.

Do ponto de vista dos estudos, a menina americana possui a reputação de ser muito mais industriosa e habil que o rapaz. A menor preocupação pela vida desportiva e outras atrações que tanto põem em choque o valor mental da mocidade, o paiz habilita-a a um treinamento do intellectual desconhecido de um grande numero de estudantes nos bancos universitarios.

Quaes os effeitos sociaes da vida universitaria sobre a mulher americana ? Numa proporção notavel, ella se destina á pratica do ensino. Uma outra parte distribue-se por todas as profissões onde sua actividade possa obter uma opportunidade de feliz. Acima de tudo, a permanencia nos melos universitarios termina libertando a mulher de sua posição obs-

cura na colmeia social. Ella tornou-se culta; possui uma intelligencia aberta e uma mentalidade livre; interessa-se de boa vontade por uma serie de problemas de ordem publica nos quaes sua cooperação ha demonstrado ser uma benção milagroza. E' verdade que a vida dispendiosa dos collegios cultiva em seu espirito um gosto extravagante por habitos que a rotina diaria não pode nem deve sancionar. Isto constitue um obstaculo serio a vida em familia contra o qual já se levantou a voz dos educadores do paiz.

Os esforços para prender a mulher ao lar libertando-a do magnetismo malefico da vida urbana contemporanea, devem merecer o applauso o mais incondicional, parta elle dos governos ou da philantropia particular.

A riqueza da sociedade, os standards de vida elevando-se a mais e mais, a noção do conforto e do bemestar social obliterando os interesses supremos da raça, reflectem-se desastradamente no capital humano de qualquer nação. O que hontem foi um periodo de natalidade triumphante, de expansão intensa, passa a ser hoje um phenomeno inverso em consequencia do qual sente-se tremer o futuro nacional, porque o lar não mais mantém a unidade da familia, deixando de ser um elemento coordenado nas forças sociaes da nação para se transformar num ponto de reunião fugaz, sem o valor da tradição ou o poder unificador.

Este é o problema por excellencia dos Estados Unidos. Pode ser que medidas tomadas às pressas p[ro]cedam encobrir toda a gravidade do mal. A natalidade em alguns Estados da União é menor do que na França e, não fossem as correntes immigratorias sempre a preencher as lucunas, ha muito o governo e as associações particulares teriam lançado o grito de alarma. Em Massachussets os immigrantes destes ultimos annos exhibiram um excesso de natalidade sobre a mortalidade, orçando em cerca de

nuinamente americana apresentou durante o mesmo período, um excesso de 270.000 mortes sobre a natalidade.

O que traduzem os algarismos? Isto : a população americana, herdeira das tradições mais nobres do sangue britânico, desapparecendo e se aniquilando ante a invasão humana de immigrants estranhos por completo ao espirito e ao sangue da raça.

E' assim que se expressa um dos sociologistas do Paiz :

"As escolas secundarias e as universidades deram as costas á familia americana. Ellas preparam as gerações para a vida dos clubs, das viagens, das sensações materiaes da existencia ; mas não se lembram das exigencias da educação domestica, da tenda do trabalho, da cosinha e da enfermaria."

Não ha negar o desenvolvimento intellectual da mulher americana, o seu gosto accentuado pelas manifestações da cultura, em quasi todos os seus desdobramentos. A trajetória que ella se traçou, amparada pelos educadores da nação, levou-a, porém, a um individualismo exaltado, ao mesmo tempo que a desviou por completo das realidades prosaicas da existencia. Separou-a do lar para implantal-a na praça publica ou no ambiente confinado das secretarias e dos escriptorios.

E' preciso que a mulher possua a consciencia de que ella representa o capital mais precioso da raça. Uma civilização que força suas mulheres á escravidão dos escriptorios e das machinas de escrever e dos empregos publicos, em vez de encaminhal-as para o exercicio da maternidade, sem todavia implicar no abandono de seus direitos politicos e sociais como cellula vital no tecido da sociedade, é capaz de provocar a ruina da raça.

O movimento que tender a conduzir a mulher a uma educação superior não é mau em si. Mas deve soffrer correctivos, de maneira a restaural-a ao seu posto supremo de sacrificio, que é, por isso mes-

mo, o seu posto de superioridade, isto é, a  
semi-divina de renovar as gerações e de manter ac-  
cesos a alma e o coração da raça. Diz um educador  
americano que a mulher de seu paiz "não esta pre-  
parada, quer psychologica ou technicamente para as  
occupações da vida familiar, procurando-as apenas  
sub condições especiaes."

A educação de um ser humano é o processo  
mais complexo jamais elaborado pela natureza. E'  
uma obra de toda a vida e requer, para culminal-a,  
uma assistencia constante de cerebros privilegiados  
a fim de corrigir as oscilações e os desvios pro-  
prios à natureza humana.

Acima de tudo, a educação feminina occupa lo-  
gar de soberania porque resume toda a esperança e  
toda a fé no futuro de um povo. Dissocial-a do lar  
para lançal-a no ambiente onde o homem labuta,  
significa equiparar as reservas vitaes de cada um,  
quando ellas devem seguir rumos differentes pela  
força inherente de uma natureza diversa e não minar  
os alicerces sagrados sobre os quaes devem repou-  
sar a ventura e o prestigio da collectividade.

Educar não é separar a mulher do lar, mas  
sim tornal-a ainda mais mulher e rainha pelo exer-  
cicio intelligente e civilizador das faculdades que a  
natureza lhe outorgou.

CHRISTOVAM DANTAS.

Georgea — Junho — 1923.

---

# A PROJECTADA REFORMA DO ENSINO

---

Com a devida venia, damos, a seguir, uma entrevista do dr. Carneiro Leão, director geral da Instrução Publica da capital do paiz, sob a momentosa questão da projectada reforma do ensino federal :

Disse o Dr. Carneiro Leão :

—Acho que o problema da organização da educação nacional é o mais importante que ora defrontamos.

E, continuando a sua exposição, o Dr. Carneiro Leão nos dizia :

--No nosso paiz, estoa certo, todos os problemas vão ter ao problema fundamentaes da organização da nossa cultura. A este respeito creio haver uma só opinião. Onde ellas se diversificam é justamente quando se discute a qualidade dessa cultura. Porque, se não ha um só plano de organização ou de reforma de ensino apresentado na Camara que não tenha merecido applausos, ha muitos que estão longe de satisfazer as necessidades nacionaes. Entretanto, da qualidade da educação virá o verdadeiro exito da civilização brasileira.

A questão é complexa e requer uma discussão ampla e elevada para orientar a administração e traçar o verdadeiro caminho a seguir. O "Correio da Manhã" presta ao paiz um grande serviço procurando ouvir a todos os que se têm preocupado com

Para uma reforma das questões a estudar. A primeira é a interferencia da União na organização do ensino primario e a segunda, a reorganização da instrucção secundaria e superior, dentro das exigencias do espirito nacional. Para a solução da primeira acabam felizmente de ser publicados os Annaes da Conferencia Interestadual do Ensino Primario, em cujas paginas se encontram, devidamente estudadas e approvadas pelos representantes idoneos da União e de todos os Estados, as medidas capazes de diffundirem efficientemente o ensino em todo o paiz.

O resultado satisfatorio dessa Conferencia poupa ao governo o trabalho de reunir os representantes de Estados para estudarem planos e estabelecerem accordos já feitos em mais de um mez de estudos acurados e profundos.

Pois, naquella Conferencia ficou assentado officialmente entre os representantes da União e de todos os Estados o seguinte: 1.º que a união poderia collaborar com os Estados não só subvencionando escolas, mas creando-as tambem directamente onde julgasse necessario e conveniente, e 2.º instituindo para tal, um orgão de direcção. Estabelecidas as duas preliminares tudo o mais se poderia fazer. Mas a Conferencia tudo estudou: desde a maneira de agir do orgão director até á criação de escolas normaes para a formação do professorado federal e o numero de annos de curso primario.

Coube-me, aliás, apresentar um projecto de organização do orgão director. Coherente com as idéas expendidas aqui mesmo, no Rio, ha oito annos, tive o prazer de ver approvado o plano de um Conselho Nacional de Educação semelhante ao que ha 40 annos vem promovendo o progresso da educação popular argentina.

Mas, para conhecer das conclusões da Conferencia Interestadual de Ensino Primario, basta ler os

E' opportuno assignar aqui a necessidade que tem o governo de constituir esse conselho, de espiritos novos, capazes de enthusiasmo, mas ao mesmo tempo perfectos conhecedores do problema. Se elle pudesse conseguir, por exemplo, que o deputado José Augusto, cuja vida è uma preocupação continua pela defesa da educação popular, trocasse a sua cadeira de deputado pelo cargo de presidente do Conselho a crear, então poderíamos desde já ficar certos do exito rapido da acção federal. Da constituição do Conselho vae depender, a meu ver, o exito da educação popular brasileira.

—E qual a maneira mais pratica de agir?

—A criação do orgão director e um recenseamento escolar criterioso, em todos os Estados, para que se saiba do numero das escolas, de escolares e de população em idade escolar sem ter onde aprender. O mais virá depois, á medida que o Conselho for estudando e sentindo as necessidades do ensino e do povo.

—Parece que se pensa no aproveitamento do actual Conselho Superior do Ensino, não é verdade?

—Não creio. O Conselho Superior do Ensino que ali está è um orgão meramente fiscal. Não tem feito, nos varios annos de sua existencia, mais que examinar alguns diplomas, revalidar diplomas. Não discuto o caso de que a lei lhe conferisse attribuições maiores, mas o facto de ter existido até agora inteiramente despreoccupado dos problemas novos da cultura moderna, basta para tornar o seu aproveitamento absurdo. E sabe o que è o Conselho?

—Um presidente, unico membro de caracter permanente da instituição, tantos membros quantas escolas superiores e secundarias da União existam. Com tal composição elle se reúne apenas duas vezes por anno. Como pretender que uma instituição dessa ordem vâ constituir o orgão creador e propulsor da educação nacional? E qual a razão por que elle de-

verá organizar e dirigir a instrução primaria, assumpto, aliás que nunca foi da sua alçada? Não creio, portanto, que justamente quando o mundo inteiro reorganiza o seu ensino, se vá entregar tamanha tarefa a esse Conselho.

— Mas o governo o encarregou do estudo do problema?

— Foi certamente com o desejo de ouvir a sua opinião, como ouvirá certamente outras, antes de agir. Mesmo porque a organização da educação por toda a parte não é hoje uma coisa de someros importancia. Demanda a attenção acurada dos problemas sociais e economicos presentes. Emquanto era apenas fazer o povo ler, escrever e contar e dar á *elite* uma cultura livresca, nada mais facil do que organizal-a e dirigil-a. Agora, porém, quando ha, no mundo inteiro, uma febre de remodelação de cultura e todos os povos se buscam fortificar e engrandecer pela educação das massas e das *elites*, organizar a educação da infancia e da juventude de um paiz novo como o Brasil, não deve ser coisa facil.

Antes de tudo necessitamos, acompanhando a renovação dos methodos do ensino, conhecer as nossas necessidades, o nosso meio e as nossas possibilidades, para tirarmos o maximo partido da educação.

Todos os povos avancados, convictos de que a riqueza das nações augmenta com o augmento de numero dos capazes, estão generalizando pela massa a melhor e mais completa cultura. O ideal está sendo não consentir que ninguém, seja qual fôr a categoria social deixe de obter tudo quanto possa conseguir a sua intelligencia e predisposições. A Allemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos e a propria França (nas bolsas escolares) procuram auxiliar não só os estudantes pobres, mas as proprias familias, com o fim de não consentir que bellas vocações, intelligencias brilhantes fracassem, por falta de recursos. Mas, naturalmente, não podia ser com uma cultura livresca

Unidos, a Allemanha e, em pequena escala, a Suíça, a Belgica e até a França e a Italia, iniciam educação voccacional, capaz de, fazendo todos seguirem, com segurança, as suas predisposições, intensificar as aptidões de cada um e, portanto, de todos, em beneficio da força e da riqueza nacionaes.

A instrucção primaria é hoje, não apenas um apprendizado de primeiras letras, mas um meio de orientar o joven para a vida, dando-lhe os fundamentos de uma cultura que só se terá a desdobrar, para fazel-o uma força intelligente e activa do seu paiz.

O ensino secundario e superior prepara-os, por sua vez, para melhor orientação nos tempos correntes. Deixam assim de ser o privilegio exclusivo de uma casta, eternamente divorciada do seu paiz e do seu povo, para promoverem, dia a dia, mais uma cultura dentro das necessidades de sua época e do seu meio. Ao envés de darem uma cultura ornamental e forçada aos filhos dos ricos, preparam uma educação dentro das necessidades do tempo e da civilisação.

No Brasil, tanto o ensino secundario como o superior têm tido apenas um fim : fornecer um diploma de doutor. O secundario é mesmo chamado de preparatorios, quer dizer, a ponte de passagem das escolas superiores--formadoras impenitentes de encyclopedistas rethoricos, livrescos e não raro falhos na vida.

O esforço do reformador tem de ser, pois, fazel-os voltarem-se para a realidade, isto é, promoverem a preparação systematica do povo para o triumpho na luta pela vida.

Desde que se tenha em vista a organização de todo o aparelhamento escolar se deveria procurar estabelecer uma vinculação estreita entre todos os cursos do primario ao profissional, ao secundario e ao superior, isto é, formar desde a escola primaria na distribuição das materias e nos methods de cu-

com as realidades nacionaes, sociaes e economicas.  
Assim, todos os cursos, desdobrando-se na mesma  
orientação, completarão e aperfeiçoarão a capacidade  
do povo para a conquista definitiva do exito na vida.

Só com esse criterio poderemos transformar a  
nossa instrucção secundaria, de uma cultura livresca,  
empirica e avelhentada, numa preparação mental,  
consentanea com as necessidades da nossa civilisa-  
ção. Sò assim faremos do estudo da geographia e  
e da historia, ao envés de um amontoado de noções  
mnemonicas, accidentes physicos, nomenclatura de  
datas e de nomes proprios, o meio de conhecer a  
nossa terra e o nosso clima, as nossas possibilidades,  
a nossa riqueza e o valor e importancia das nossas  
correntes sociaes na formação da nossa nacionalida-  
de e da nossa civilização.

O nosso ensino superior não é mais feliz. Em  
materia de educação estamos 50 annos retardados  
dos outros povos, e isto quando em taes questões  
e com o progresso vertiginoso dos tempos presentes  
um atrazo simplesmente de 10 annos é já desastroso.

Penso mesmo que, de certo modo, o nosso a-  
trazo é muito maior, é talvez de 500 annos; pois  
não acabamos de crear uma Universidade perfeita-  
mente dentro do espirito das instituições feudaes,  
tradicional, humanista, se não empirica e sem nenhu-  
ma acção scientifica, quando até universidades mil-  
lenarias, como Oxford e Cambridge, se modernizam  
inteiramente?

Fizemos uma Universidade com a simples mis-  
tura das Faculdades de Direito, Engenharia e Medi-  
cina, sacrificando assim a oportunidade de fundar-  
mos uma instituição dentro do espirito universitario  
moderno.

Que foi que a Universidade do Rio de Janeiro  
trouxe de novo á cultura brasilleira, além do nome?  
Entretanto, não seria demasiado lembrar que to-  
das as Universidades modernas são representantes  
directas de sua época e verdadeiras propulsoras das

cente, uma orientação técnica digna dos progressos que conquistamos.

Para comprehendemos a distancia em que estamos da concepção moderna do ensino universitario basta compulsar, por exemplo, as paginas do "*Congress of the Universities of the Empire*" ou "*The Relation of Universities to the chronological and professional education and to education for the public services*". E somente isto, se não quizermos acompanhar a obra universitaria allemã e americana.

Está justamente no facto de serem instituições dinamicas marchando com o progresso e, por sua vez, impulsionando-o, que as universidades desses povos constituem verdadeiros nucleos de acção e de direcção não apenas scientificos mas até sociaes e politicos. A sociedade inteira se acha vinculada ás universidades, cujo espirito muito influe na sua evolução. A maneira como todos se interessam pela sorte das universidades que frequentaram se conservam ligados ao seu espirito e consultam e obedecem as suas suggestões, prova evidentemente a correspondencia perfeita entre ellas e a vida social e scientifica corrente.

No Brasil que influencia terá a nossa Universidade na carreira post-escolar de alguem? Qual o estadista ou sabio que se lembraria de consultal-a para uma orientação politica ou uma divergencia scientificas?

Ahi está a prova de que são instituições, se não artificiaes, pelo menos alheias ás realidades e ás necessidades nacionaes presentes.

Que influencia podem ter os nossos cursos juridicos, com o seu Direito Romano, as suas discussões cerebrinas, na evolução da vida brasileira?

Ao contrario, com certos principios empiricos como os bebidos num direito criminal mal comprehendido, temos contribuido para a dissolução completa da justiça, na pratica de um jury

que é uma verdadeira calamidade nacional. Entretanto, não aprofundamos o estudo do direito constitucional, mais em conexão com as nossas realidades para sairmos do veso de adoptarmos, com entusiasmo, leis próprias a raças completamente diferentes.

Por que não estudamos melhor o Direito Internacional e a Economia Política, levando em linha de conta as nossas necessidades e as possibilidades da sua applicação no nosso meio? Por que não nos preocupamos com o estudo da legislação industrial, das questões sociaes? Só assim acompanhariamos o progresso dos outros povos e corresponderíamos a uma necessidade nacional.

Isto feito, sem descurarmos a organização methodica da educação propriamente profissional desdobrada dos cursos elementares aos institutos technicos superiores, teremos então as bases para a grandeza definitiva do Brazil.

N. da R.—Esta entrevista foi concedida ao "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro.

---

# DEPUTA O JOSÈ AUGUSTO

---

Em missão politica, encontra-se novamente entre nós, seus discipulos, seus amigos e seus admiradores, nosso distincto patricio dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, representante do povo na Camara dos Deputados.

S. Excia. foi ruidosamente recebido no Estado, dês que penetrou as suas fronteiras, em eloquente demonstração da immensa sympathia, inconfundivel apreço e inegualavel prestigio, que soube conquistar aos seus coestadanos.

Nosso regosijo è tanto maior quanto sabemos o candidato á successão do exmo. sr. dr. Antonio de Souza, de cuja obra de benemerencia, particularmente votada ao ensino, será continuador infatigavel.

Para a sua promissora energia de moço, seu grande devotamento á causa da instrução, seu amor á terra-mater, seu conhecimento seguro de todas as nossas necessidades, voltam-se as mais fortes esperanças do povo, na confiança de uma gestão de paz, de trabalho, de ordem e de prosperidade.

A dedicação enexcedivel ao estudo dos nossos problemas vitacs é o attestado mais evidente da fir-

EXEMPLOS DAS NOSSAS POSSIBILIDADES:

Raras, bem raras vezes na vida politica do paiz, se fazem ascensões assim entre palmas, flores e expansões de enthusiasmo.

Seja bemvindo o conterraneo illustre e querido, sob os melhores presagios, em continuação da era feliz e prospera do nosso adorado Rio Grande do Norte.



# Dr. Nestor Lima

---

Em missão especial do Governo do Estado, regressou da sua visita aos centros mais altos do paiz e ás Republicas do prata, o dr. Nestor dos Santos Lima, competente director da Escola Normal desta cidade e escolas annexas.

Neste momento em que' passa os interesses dos povos, a approximação intelligente dos poderes publicos ou dos commissarios da sua confiança, representa um signal evidente de conjugação criteriosa em prol das boas causas, não ha duvida, a missão de que foi investido o notavel educador tem para nós uma elevada significação, por isto mesmo que, proclamando bem alto os seus incontestes meritos profissionaes, redundará, certamente, em grande messe de beneficios para o ensino do Rio Grande do Norte.

Foi justamente com esse prescrutador espirito criterioso e intelligente que o dr. Nestor Lima veio de apreciar na Capital da Republica, Minas, S. Paulo, Uruguay e Buenos Ayres, as questões fundamentaes do ensino na multiplicidade do seu desenvolvimento—physico, intellectual e moral—estudando-as para adaptal-as

gica foi elle, lá fora, o mais digno embaixador.

Homem de acção, conhecedor como raros, entre nós, da sciencia de que é cathedratico na Escola que superiormente dirige, s. s. está, com certeza, ao corrente de quanto de util e proveitoso se faz em materia educativa nas republicas por elle visitadas, para a finalidade pratica a que naturalmente foi inspirado.

Congratulamo-nos com S. Excia. o sr. dr. Antonio de Souza pela merecida confiança depositada no notavel educador patricio, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.



## GRUPO ESCOLAR "ANTONIO DE SOUZA"

---

Das condições actuaes do grupo escolar "Antonio de Souza," não è pouco satisfactoria a impressão que se póde colher.

Quando, a 2 de Maio deste anno, alli foram iniciadas as aulas, a matricula, aberta em fins de mez antecedente, apresentava um algarismo promette-dor.

Quatro dias depois, em sessão do Conselho-Director da "Associação de Professores," o director, Ivo Filho, propunha o desdobramento, em duas classes, do curso infantil mixto, então sob a regencia exclusiva da professora Rosa Cabral, e já, somente elle, com 58 alumnos. Nos demais cursos a matricula continuava animadora.

Feitò o desdobramento, ficou a nova classe a cargo da professora Maria Nicaulis do Carmo e Silva, que, por molestia, tendo solicitado demissão, foi substituida pela então serventuaria professora Maria das Graças Pio.

Hoje, funciona o grupo com 176 educandos, assim distribuidos : 47 na 1ª. classe do curso infantil mixto, regida pela professora Rosa Cabral de Macedo ; 47 na 2ª. do mesmo curso, regida pela professora Maria das Graças Pio ; 20 no curso elementar masculino, regido pelo professorando José Saturnino de Paiva ; 20 no curso elementar feminino, re-

correspondentes a "Associação de Professores".  
sor. Também, ultimamente, devido á influencia benigna reinante na Capital, a 2ª classe do curso infantil tem tido a frequencia bem diminuida.

O material pedagógico do grupo satisfaz regularmente as exigencias do serviço.

A construcção do edificio no local em que assenta, além de ter contribuido para a salubridade do mesmo, pois é varrido constantemente de brisas saudáveis, veio despertar a população circumvisinha para um movimento progressista, já encetado e dia a dia crescente, dando aos seus propulsores a esperança no triumpho das boas causas.

Para o grupo "Antonio de Souza" poucos elementos dos outros grupos foram transferidos. E' que muitas familias do bairro do Tyrol deixavam de enviar-lhes os filhos, não por descaso, mas, pela distancia em que dalli se encontram aquelles estabelecimentos e a insufficiencia de transporte em Natal.

Entre gente pobre, onde a ignorancia campeia livre, mas onde nunca faltam inclinações virtuosas, uma casa de educação, quando bem dirigida e movimentada, após ter conquistado a confiança do meio, torna-se o centro donde irradiam, em todos os sentidos, as opiniões, os exemplos e os conselhos. O grupo escolar "Antonio de Souza" está fadado a ser o elemento vivificador do ambiente moral e intellectual de quasi toda a população do bairro que o contorna.

Não é de extranhar o aproveitamento nelle verificado, dado o criterio sempre mantido pela "Associação de Professores" na escolha dos directamen-

controu perfeita correspondencia nos que o auxiliam e em cuja capacidade profissional se póde confiar.

Assim tem sido até o presente. Assim continue, para que cada vez mais fructifique a obra idealizada por esse bemfazejo sonhador de realidades que é Amphiloquo Camara, e concretizada graças aos seus esforços, á dedicação e perseverança de Luiz Soares, á bõa vontade do Governador do Estado e ao auxilio da maioria dos membros da "Associação."

Felizmente, hoje, como hontem, estes se sentem estimulados, vendo-se ás vespas de um governo que será o continuador do—quatriennio pedagogico—pois se annuncia com um programma onde a intensificação do ensino figura como questão primacial.

---

# PEDAGOGIUM

## EXPEDIENTE

Revista consagrada aos interesses do professorado publico e particular do Estado.

Publica-se quatro vezes ao anno.

Acceta collaboração de qualquer procedencia sujeita ao exame da direcção.

SECRETARIA DA REDACÇÃO:  
Professora Julia Alves Barbosa

Séde social Rua Jundiahy

## PREÇOS:

Assignatura annual. . . . . 4\$000  
Numero avulso. . . . . 1\$000

## SUMARIO

<i>Uma entrevista</i> . . . . .	Dr. Nestor Lima
<i>Estudo de Portugal</i> . . . . .	Prof. C. Coimbra
<i>Exercícios de direção Maria</i> . . . . .	O. W.
<i>Exercícios de direção</i> . . . . .	Caroline Wenderley
<i>A moda americana e as Modéstias</i> . . . . .	Christo em Dantas
<i>A educação da vida em 1.º ano</i> . . . . .	Almeida Leão
<i>D. José Augusto</i> . . . . .	Redação
<i>Utópia da vida em 1.º ano</i> . . . . .	Redação
	Redação